

**REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DENTRO DO LIVRO DIDÁTICO,  
DO ENSINO FUNDAMENTAL II NO MUNICÍPIO DE IPIXUNA.**

*Suzan Kellem Cavalcante Da Silva<sup>1</sup>*

*Luziane Nair Lobato Dos Santos<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este estudo examina a representação dos povos indígenas no livro didático, procurando identificar como a imagem indígena é inserida após a promulgação da lei 11.645/08. Investigando se essa inserção da lei ocorreu nos livros didáticos de História. A reflexão ocorre por meio de dois livros do 7º e 8º ano do ensino fundamental II, que já foram usados pelos docentes do município de Ipixuna. Este estudo foi desenvolvido através de análise do livro didático que serviu como fonte documental pra a pesquisa. O objetivo é verificar se existe uma temática que retrata os indígenas como sujeitos históricos, incluindo-os como protagonistas de sua própria história, algo que por muito tempo foi negado na historiografia. Pois se observa que dentro do livro didático os povos indígenas aparecem de forma bem resumida, não abrangem a complexidade desse povo. Através das análises observou alguns progressos, porém também a permanência de equívocos e estereótipos, característica de representação historicamente construída ao longo do tempo. Ainda é necessário implementar a temática Indígena de maneira mais ampla, com conteúdos que não estejam incorporados em outros temas, e disponibilizar maiores números de páginas com conteúdo que representem esses povos em sua totalidade, com suas lutas e particularidades distintas.

**Palavra- chave:** livro didático. Lei 11.645/08. Indígena.

## **1. Introdução**

O livro didático é um dos principais recursos utilizados pelos Professores e estudantes na educação básica, exercendo grande influência, pois ele permite uma variedade de interpretações, já que apresenta uma perspectiva do mundo em seus conteúdos. É uma valiosa fonte de conhecimento que transmite valores, ideologias, cultura e representações. Há dois séculos, o livro didático tem propagado a imagem dos indígenas bárbaro e selvagem, transmitindo uma visão preconceituosa e eurocêntrica, onde a imagem deste povo é retratada de maneira distorcida e minuciosa, sendo apresentados dentro dos conteúdos apenas sob a perspectiva do europeu.

Assim, este trabalho buscou observar a maneira como os povos indígenas são representados no livro didático. A partir da disciplina de História e Cultura Indígena, surgiu a

---

<sup>1</sup> Graduanda no Curso de História mediado por tecnologia, Núcleo de Estudo Superior de Ipixuna, Universidade do estado do Amazonas. [suzankellemipx@gmail.com](mailto:suzankellemipx@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora- Orientadora. Prof. da Universidade do Amazonas. Mestra em História social pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Email : [Luziane.historia@gmail.com](mailto:Luziane.historia@gmail.com)

curiosidade de verificar se esse tema estava sendo apresentado de maneira coerente dentro dos livros didáticos. Além do mais, durante o estágio, observou-se uma grande lacuna na abordagem desta temática. Isso levou ao questionamento: como o livro didático trata desses assuntos e como está sendo apresentado esse conteúdo dentro do mesmo. De acordo com KARNAL (2015, p.143), “quando se trata de livros didáticos, a importância de pensar seus conteúdos, cresce vertiginosamente”. Sendo assim este fato despertou o interesse em saber como estaria sendo a abordagem desses povos dentro do material didático mais utilizado no âmbito escola.

Examinando se o livro didático inclui os indígenas como protagonistas de sua própria história, algo que por muito tempo foi negado na historiografia. Ademais, visa contribuir de maneira significativa para a elaboração de uma nova investigação do livro didático, permitindo assim a apresentação de conteúdos que tragam as temáticas indígenas de forma mais inclusiva, crítica e atualizada dos povos originários.

Ademais, serão analisados livros do ensino fundamental II, especificamente livros de história, dois do sétimo e dois do oitavo ano. Todos os livros foram aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático. A abordagem adotada foi à pesquisa bibliográfica, buscando identificar a presença indígena no material didático, além da análise dos livros que servirão como fonte documental.

Assim, o capítulo I discutirá a fundamentação teórica da pesquisa, destacando os autores que serviram de base para o desenvolvimento do estudo. Além disso, analisarei a lei 11.645/08 que tornou o ensino indígena obrigatório. Buscando observar como esse conteúdo é utilizado no livro didático, procurarei destacar como está empregado esse conteúdo dentro do livro didático, se há uma inserção dentro dos conteúdos sobre a História indígena, observado se esses conteúdos inserem os povos indígenas como agentes que contribuíram de forma significativa na formação da sociedade. Além disto, buscarei identificar em que lugar esses povos indígenas estão sendo incluídos no livro didático.

Já no capítulo II irei analisar especificamente os livros didáticos, investigando se houve alterações na abordagem dos povos indígenas, além de examinar as imagens presentes nos livros e a forma como elas estão sendo transmitidas. Verificarei como estão sendo inseridos os textos sobre a temática indígena e se os povos indígenas estão sendo retratados de forma coerente dentro do mesmo

## **2. Discussão teórica da exibição dos povos Indígena no livro didático.**

Sabe-se que durante muito tempo os povos indígenas foram negligenciados da historiografia e do ensino básico, sua historicidade foi deixada à parte da construção da identidade do Brasil, tanto no que tange ao sistema escolar como na própria compreensão da sociedade na totalidade.

O livro didático por séculos tem sido um influenciador dentro das escolas públicas e privadas. Com abordagens diversas de conteúdos específicos, sendo ele um dos materiais que tanto os docentes quanto os alunos tem acesso, valendo enfatizar que, metade dos estudantes de escolas públicas conta apenas com esse livro em sua formação escolar.

Este material pedagógico tem uma função vital no âmbito formativo, pois é um agente de conhecimento que alcança uma população inteira, transmitindo conhecimento e informações, possibilitando uma série de interpretações, trazendo consigo diversas variedades de valores e ideias, porém não são somente as palavras que transmitem conhecimentos, há também as imagens que assumem um papel fundamental de como são representadas as figuras dentro do livro didático. O livro didático de história explorar facetas da nossa memória cultural e nos leva a uma análise do tratamento aplicando a determinados segmentos que compõem a nossa sociedade, como os povos indígenas.

Que por anos vem sendo transmitido uma imagem eurocêntrica e preconceituosa, é interessante analisar como esta figura vem sendo reproduzida dentro dos livros didáticos, pois o mesmo por muito tempo foi um dos responsáveis por transmitir essa visão dos povos indígenas dentro da sociedade, Bittencourt em seu livro cita como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança, etnia, conforme os preceitos da sociedade branca burguesa (BITTENCOURT, 2004, p. 72). É fundamental salientar o poder que esse material possui na formação da ideia dos discentes.

O livro didático, principalmente o da disciplina de História, traz diversas abordagens de cultura, valores de várias sociedades e de vários períodos. Segundo Garrido, ainda hoje, os materiais didáticos são peças-chave fundamentais na “consciência histórica que cada indivíduo possui sobre a História” (GARRIDO, 2017, p. 15). Desta forma livros de história trazem em sua abordagem temas que fazem os alunos refletirem sobre tempos e acontecimentos, contudo se não houver uma abordagem de fatos concretos podem repassar informações distorcidas dentro da sociedade, como é o caso dos povos indígenas que até a atualidade ainda perpetua uma imagem conturbada em relação a esses povos.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Contudo de acordo com Circe Bittencourt, o livro didático é antes de tudo uma mercadoria (BITTENCOURT, 2004, p.71). Segundo a escritora, o livro didático continua sendo um instrumento de reprodução de ideologia. Entende-se que, por trás da elaboração dos livros didáticos existe um conflito de interesses entre grupos sociais em busca de reconhecimento que são desviados da trama histórica, interesse esse ideológico, econômico e político. Para além do domínio político, que manipula fatos e acontecimentos de acordo com seus interesses.

Observa-se que, durante a elaboração do livro didático, alguns autores estão preocupados em cumprir requisitos estabelecidos nos editais do que trazer uma abordagem justa e diversa. Pode-se observar que, dentro do livro didático, sempre houve uma invisibilidade em relação à história indígena, que por décadas vem lutando por espaço dentro da sociedade. Ao longo do tempo, a historiografia restringiu as populações indígenas como vítimas passivas ou espectadores de situações que os envolviam diretamente.

Sendo assim, esses povos não eram vistos como agentes históricos e nem protagonistas da sua própria história, porém, esse quadro começou a mudar a partir de uma necessidade de uma nova compreensão histórica aos povos originários, a nova história veio avaliar o papel indígena dentro da história, recuperando o seu protagonismo e valorização cultural.

Desde sempre, os indígenas têm lutado por reconhecimento, mesmo que durante anos seja difundida uma imagem do indígena submisso. Esses povos, desde a chegada dos europeus, têm batalhado pelos seus direitos, sempre estiveram em busca da proteção de suas vidas. Caso a resistência desses povos não existisse, a devastação que presenciamos hoje em dia em relação a eles teria sido ainda mais severa. Portanto, é importante destacar o movimento indígena que batalha pelo direito a terra e à vida. Entretanto, o livro didático, mesmo com todas as reelaborações, ainda silencia de maneira abruptamente outras histórias como é o caso dos povos nativos.

Como se pode observar, os estudos sobre a História do Brasil só faziam referências ao indígena citando-os aos primeiros anos da colonização, estabelecendo uma perspectiva sobre eles como vítimas, pelos inúmeros massacres e genocídios, provocados pelas invasões e colonização a partir de 1500, essa é uma perspectiva repassada de forma redundante dentro das escolas e persiste em várias disciplinas pedagógicas, no entanto, hoje em dia é conhecido que houve uma luta de resistência, que existiam comunidades que negociavam pela sua liberdade, que eles não eram tão submissos como muitos livros didáticos demonstraram.

Contudo, esses povos indígenas precisaram passar por uma adaptação e um processo de aculturação. Por serem considerados povos bárbaros e sem cultura, já que a tradição dos povos nativos foi considerada como inferior à dos europeus. Desta forma o livro didático quando não trabalhado, investigado, problematizado, pode-se passar despercebido a ponto de acharmos natural a sua construção.

Assim, podemos considerar a importância que o livro didático obtém dentro de um ambiente escolar e como ele pode propagar de maneira errônea as imagens e textos apresentados. Isso ocorre porque ele atinge milhares de jovens alunos, transmitindo narrativas, relatos de histórias e imagens. Esses fatos contribuem na formação de como determinado grupo interpreta a sociedade. De acordo com Choppin:

O livro didático não é um simples espelho: ele modifica a realidade para educar as novas gerações, fornecendo uma imagem deformada, esquematizada, modelada, frequentemente de forma favorável: as ações contrárias a moral são quase sempre punidas exemplarmente; os conflitos sociais, os atos delituosos ou a violência cotidiana são sistematicamente silenciados (...) são esses livros que tiveram maior difusão e que, portanto, são considerados como o mais influente e mais importante na formação das mentalidades, ainda mais porque são destinados aos jovens. (Choppin, 2004, p. 557)

Em sua análise, o escritor enfatiza a importância e a habilidade que o livro didático tem em modificar a realidade da sociedade, e como isso pode impactar na construção humana. Os livros didáticos são reinterpretações de conceitos e ideias de indivíduos que são encarregados de moldar o imaginário social, assim tanto os negros quanto os indígenas são retratados dentro do livro didático no tempo passado.

O livro didático não problematiza a origem dos nativos que aqui residiam antes da chegada do europeu, ao contrário, muitas vezes insere esses povos como figurantes de sua própria história e não como protagonista da mesma e nem são vistos como sujeito histórico. Segundo Circe Bittencourt, a representação dos indígenas no livro didático sempre foi constante a partir de 1860 (2004, p. 80-81). Muito sendo estereotipada em sua maioria, no entanto, em alguns livros houve uma variação dessa representação feita por autores que tem um ponto de vista diferente.

De acordo com Munakata (2016, p. 125), “Os livros didáticos constituem-se em importante veículo de consolidação, difusão universal e perenização das disciplinas escolares”. Como evidencia os parâmetros curriculares nacionais PCNs que fala que todo material é uma fonte de conhecimento, porém nenhuma deve ser utilizada sozinha.

Bittencourt (2005), em sua obra “O saber histórico na sala de aula”, traz a seguinte citação de um historiador francês, Ernest Lavisse, referente às imagens contidas nos livros:

As crianças têm necessidade de ver as cenas históricas para compreender a história. É por esta razão que os livros didáticos que vos apresento estão repletos de imagens. Desejamos forçar os alunos a fixarem as imagens. Sem diminuir o número de gravuras que existiam no texto, compusemos novas séries delas correspondendo a uma série para cada livro. Cada série é acompanhada de questões que os alunos responderão por escrito, após terem olhado o desenho efeito uma pequena reflexão sobre ele. É o que denominamos de revisão pelas imagens e acreditamos que este trabalho possa desenvolver a inteligência das crianças ao mesmo tempo em que sua memória. (LAVISSE, apud Bittencourt, 2005, p. 75, grifos no original).

Neste contexto é importante analisar as imagens apresentada dentro dos livros, pois de acordo com Lavisse as imagens contribuir para criar certas memória nos alunos. Como em muitos livros ainda a historia dos povos indígenas ainda gira em torno no descobrimento do Brasil. Como enfatiza Gobbi.

A ausência de um posicionamento critica em relação à exploração, sofrida e dizimação dos quais foram vitima o indígenas e africanas, e alarmante, assim como a omissão da historicidade destes povos: “ não se fala da historia dos povos indígenas ou negras antes da descoberta do Brasil “, o personagem inicial da história é o branco colonizador (GOBBI 2006 p.38)

Existe um desconhecimento e omissão sobre a história dos povos indígenas, não há uma historicidade desse povo antes da invasão ao território que hoje é conhecida como Brasil. Ademais, nota-se essa ausência de uma postura crítica dentro do próprio ensino que muito corroboram para essa visão eurocêntrica que permeia até a atualidade. Segundo Luís Donisete Grupioni, os livros didáticos “ajudam a formar uma visão equivocada e distorcida sobre os grupos indígenas brasileiros” (GRUPIONI, 1995, p. 482) para ele, existem uma desconexão entre a produção da ciência de referência e o saber escolar. As comunidades indígenas são frequentemente mal interpretadas e até mesmo ignoradas. A maioria dos livros apresenta uma abordagem ainda minúscula e de forma equivocada.

Segundo Circe Bittencourt, a representação dos indígenas no livro didático sempre foi constante a partir de 1860 (2004 p. 80-81). Embora predominantemente de forma estereotipada em sua maioria, se transmitido uma visão preconceituosa. Com isso, houve uma necessidade de rever esse posicionamento crítico na temática indígena, buscando novos progressos, desta forma a lei 11.645/2008, sancionada em março de 2008, pelo então Presidente da República Luiz Inácio da Silva que, tornou o estudo sobre os povos indígenas

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

obrigatório, representando uma grande vitória para os grupos indígenas que lutam por reconhecimento, valorização e igualdade, constituindo-se em uma lei inovadora dentro do ensino.

A lei 11.645/2008 determina a inclusão da temática indígena no ensino fundamental e médio. Conseguiu alcançar dentro das universidades que não dispunham de uma disciplina que abordasse essa questão, deixando os docentes totalmente despreparados, no entanto, atualmente dentro da universidade é obrigatória uma disciplina que trabalhe o indigenismo.

A legislação abrange um conjunto com críticas necessárias para sua real aplicação efetiva, proporcionando uma reflexão e análise acerca dos nativos. De acordo GOBBI as referências aos povos indígenas no período da colonização, além de serem desconexas e fragmentadas, se contradizem, ora são apresentados como inofensivos, ora como temíveis variados conforme o momento que se pretende enfatizar (GOBBI, 2006, p.37).

A implantação desta lei veio para desmitificar esse estereótipo no qual esses grupos foram enquadrados. Simbolizando um progresso significativo para a diversidade cultural e combate contra a discriminação. É crucial enfatizar que, apesar da lei, o ensino não é implementado nas escolas de forma justa e os livros didáticos ainda não apresentam uma reestruturação completa em relação aos indígenas.

Contudo mesmo com a lei 11/645.2008 ainda há livros didáticos que continuam a apresentar textos e imagens que desrespeitam povos indígenas, fornecendo poucas informações e característica, os assuntos são resumidos, não cumprindo a lei que tornou obrigatório o ensino indígena com o propósito em contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e respeitosos com a diversidade cultural. Além disso, evidencia que o processo de aprendizagem é contínuo.

Essa lei veio para desconstruir esse estereótipo em que esses povos foram submetidos simbolizando um progresso significativo para os povos indígenas, sendo uma conquista em suas lutas por reconhecimento. Além de trazer um enriquecimento para os conteúdos de história, abriu caminho para novas discussões, promovendo maior conhecimento e valorização das raízes culturais, sendo assim, é essencial haver uma qualificação sobre materiais didáticos que reflita as diversidades culturais. Conforme SILVA.

Pensando na realidade brasileira onde ainda temos como subsídios básicos mais utilizados em sala de aula os livros didáticos, nos preocupa as formas de abordagem da história e culturas indígenas nos livros de História do Brasil. Os estudos atuais sobre os povos indígenas no país, “além de evidenciarem a antiguidade da presença desses povos, tem revelado a grande

diversidade e pluralidade das sociedades nativas encontradas pelos colonizadores”. (SILVA, 2010, p.43)

É necessário que os materiais didáticos sejam revisados, e tenham essa preocupação em introduzir uma abordagem crítica para haver uma valorização da cultura, além de posicionar os indígenas como sujeito da sua própria história e protagonista de suas lutas, neste sentido irei analisar como os povos indígenas estão sendo apresentados dentro dos livros didáticos, se há uma abordagem mais crítica sobre esses povos ou se os conteúdos ainda estão maquiados dentro destes materiais.

### **3. Análise da trajetória indígena no livro de História do Ensino Fundamental II**

Em 2008 surgiu a lei 11.645/08, que incluiu no currículo escolar a obrigatoriedade do ensino da história dos povos indígenas no Brasil. Sendo assim, o livro didático é um agente de poder em uma escola, pois o mesmo tem a incumbência de levar informações a milhares de estudantes com narrativas, imagens e representações, que de certa forma contribuem para a construção de como esses grupos leem e interpretam a sociedade. Como enfatiza CHOPPIN,

O livro didático não é um simples espelho: ele modifica a realidade para educar as novas gerações, fornecendo uma imagem deformada, esquematizada, modelada, frequentemente de forma favorável: as ações contrárias a moral são quase sempre punidas exemplarmente; os conflitos sociais, os atos delituosos ou a violência cotidiana são sistematicamente silenciados (...) são esses livros que tiveram maior difusão e que, portanto, são considerados como os mais influentes e mais importantes na formação das mentalidades, ainda mais porque são destinados aos jovens. (CHOPPIN, 2004, p. 557)

O livro didático se populariza em seus percursos, marcado por diferentes interesses, pois o mesmo não é neutro, traz consigo condicionais políticas educacionais vigentes, sendo um agente de poder. O livro didático tem uma grande influência dentro da sociedade. Desta maneira, este estudo busca analisar como os povos indígenas estão sendo retratado dentro do livro didático, tal qual como os conteúdos organizados, e se essas representações contribuem para essa visão preconceituosa.

Os livros usados neste estudo foram livros de anos diferentes, dois do 7º ano e dois do 8º ano do ensino fundamental II. No livro do 8º ano observou se os reflexos da lei 11.645/2008 na apresentação das populações indígenas brasileiras. Assim, afirma Bittencourt,

“o livro didático possui limites, vantagens e desvantagens como os demais materiais dessa natureza e é nesse sentido que precisa ser avaliado” (BITTENCOURT, 2011, p. 300).

O primeiro livro didático analisado neste estudo foi o livro “HISTORIAM”<sup>3</sup> do autor Gilberto Cotrim e Jaime rodrigues, do 8º de 2017 a 2019 ano, contém em sua estrutura 239 páginas, dividido em 4 unidades, com 15 capítulos, porém, com capítulo que a temática disponibiliza de mais páginas, há bastante imagens, ele disponibiliza links para quem quiser saber de mais informações. Segundo Fernandes (1993):

Para alguns, o índio é selvagem, cruel, traiçoeiro. Para outros, ele é um ser puro, impregnado da inocência das crianças. Os que acreditam na sua pureza, idealizando, enquanto os que acreditam na selvageria os temem índios. Em ambos os casos, a imagem construída a respeito dos povos indígenas é baseada em estereótipos, ou seja, ideias falsas que igualam e colocam sob um mesmo rótulo um sem número de situações diversas. (FERNANDES. 1993, p. 15)

Como podemos perceber, ao longo da história foi construída uma visão dos povos indígenas como um só, com uma linguagem padronizada, com uma cultura igual, de um povo não civilizado, transmitindo assim uma imagem do nativo que tem que viver na aldeia. Muito se concretizou no imaginário que os povos indígenas devem viver no passado, como se suas vivências não tenham se transformado ao longo dos séculos. De acordo com Fernandes (1993):

O índio “ideal” deve ser forte, bonito, deve andar nu, não pode falar português, não deve gostar de óculos escuros, nem beber Coca-Cola. Deve ainda ter lindos dentes, andar com o corpo pintado e enfeitar-se com penas. Esse é o “índio de verdade”. Saindo desse padrão imaginário, criado muito distante de toda a complexidade de inúmeras situações a que são submetidos os povos indígenas brasileiros, os índios conhecidos não são “índios de verdade”, ou então são “índios civilizados”, “índios aculturados” (FERNANDES. 1993 p. 15)

A visão estigmatizada e a falta de informações sobre esses povos configuram uma imagem estereotipada e preconceituosa. Apesar disto, a superação estigmatizada ajuda na promoção do conhecimento da diversidade étnica indígena. Entretanto, neste livro analisado não há muitas informações sobre os povos originários, não há disponível nenhum capítulo com a temática, sendo muito raso em suas colocações, apresentado de forma rasa.

---

<sup>3</sup> Cotrim, Gilberto / Jaime rodrigues – 2. Ed.- São Paulo saraiva: 2015,.

Todavia, se encontra dentro de algum capítulo uma abordagem sobre eles, como o caso do capítulo 9 da unidade 3 que tem a temática “os Estados Unidos no século XIX” dentro desse capítulo tem um pequeno texto que fala como se deu o processo da conquista dos povos indígenas, aborda que foram exterminados povos na conquista dessas terras, e os que sobreviveram foram confinados em reservas federais, que eles lutaram por suas terras, mas não tiveram êxito.

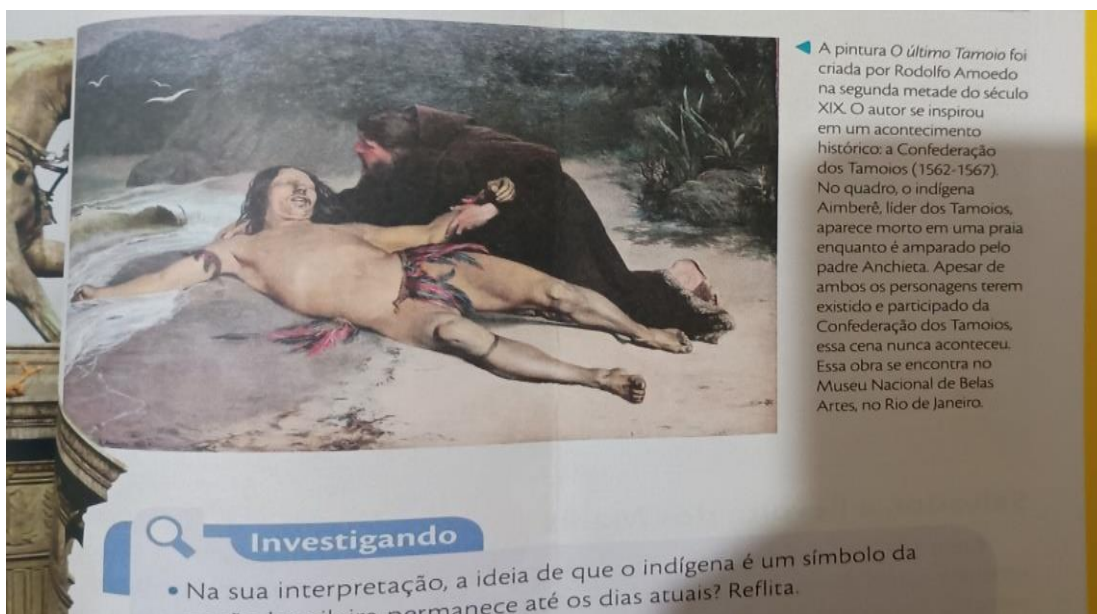
De antemão, o texto é simples, que apresenta esses pontos de forma superficial, não descreve como aconteceu e como foi o desenvolvimento desse processo de conquista, apenas deram uma pincelada em uma pequena parte da história que teve esse processo de conquista das terras desses povos.

Dentro deste mesmo livro, no capítulo 13 aborda sobre o período regencial apresentando o espaço de duas folhas 194 e 195 no qual apresenta “o indígena como símbolo nacional” havendo apenas um breve texto e o restante são apresentados em imagens, não há profundidade ao tema, o texto retrata como a visão preconceituosa aos povos indígenas se apresenta até hoje.

Mas as imagens são romantizadas, que influencia a imaginação humana de uma forma negativa, de acordo com Gobbi (2006). O índio tornou-se o símbolo dessa nacionalidade. Mas não era o índio ‘de verdade’: nas representações dos índios, tanto na literatura (...) como na pintura (...), percebe-se que aqueles índios jamais existiram no Brasil. Eram figuras românticas, idealizadas. Não eram os índios reais. (p.72)

Esses povos foram idealizados na figura do indígena que anda nu, de arco e flecha e precisa viver no mato, enfileirados dentro das aldeias. Os livros didáticos sempre tiveram uma grande influência em trazer em seus conteúdos imagens que trazem essa representação, jogando como se não houvesse significado, não houvesse uma problematização. Como demonstra a imagem 1.

**Figura - Pintura O Último Tamoio**



**Fonte:** (Gilberto Contrin e Jaime Rodrigues “HISTORIAM” 2015 p.195”.)

Segundo o livro trata-se de uma pintura famosa “O Último Tamoio” criada por Rodolfo Amoedo na metade do século XIX”. Na legenda relata que o pintor se inspirou em um acontecimento histórico, mais expressar que mesmo os dois personagens existindo está imagem não é real. Com isso é importante trazer abordagem dentro do livro que seja real.

Pois no primeiro momento, ao se observar a imagem, compreende-se como uma situação de generosidade e bondade, porém, neste sentido o livro didático apenas reproduz uma imagem que aumenta o imaginário dos alunos em acreditar que os colonizadores tiveram uma convivência harmoniosa com os povos indígenas, vale destacar que seria de grande relevância o livro apresentar o fato que antecede a imagem.

Trabalhando um senso crítico, pois, a maneira que a imagem está descrita ao ser analisada imagina-se um caso de bondade aos indígenas, desta forma, é necessário que o livro traga essa abordagem de maneira coerente, vale destacar que a imagem não é um fato real sendo apenas uma ilustração pintada de acordo com a perspectiva dos interessados ao contexto. Como caracteriza Circe Bittencourt ao afirmar que “as ilustrações mais comuns sobre o passado da nação foram reproduzidas por desenhistas ou por fotógrafos, de quadros históricos produzidos no final do século XIX” (BITTENCOURT, 2004, p. 77).

Essas ilustrações ajudam muito em aumentar o imaginário humano muitas vezes de forma equivocada, sendo o livro didático um instrumento de conhecimento é necessário que

essas imagens possam ser transmitidas de forma coerente para que assim não haja más interpretações.

Já no segundo livro analisado “HISTÓRIA E SOCIEDADE E CIDADANIA<sup>4</sup>” do autor Alfredo Boulos Júnior esse livro da PNLD de 2020 a 2023 do 8º ano do ensino fundamental tem reutilização de três anos, está dividido em 4 unidades, com 14 capítulos com temáticas diferentes, contem bastante imagens e ainda disponibiliza site e indica vídeos.

Todavia, não há um capítulo disponibilizado nem discorrendo de forma abrangente os povos indígenas, há apenas dois textos simples, o primeiro texto está apresentado dentro do capítulo 5 com o tema “rebeliões na América portuguesa” traz um texto bem interessante intitulado “*o ouro vermelho de Minas Gerais*” e traz um olhar crítico de como os povos indígenas sofreram neste processo do ouro vermelho, destaca que, a violência contra os indígenas já se persistia ao longo do século XVIII.

No mesmo livro no capítulo 12, intitulada “abolição imigratória e” indigenismo no Império” apresenta os nativos dentro do romantismo, e como eles foram caracterizados dentro desse processo romancista, porém, é um breve texto que demonstra como o indígena foi colocado dentro do romantismo transmitindo uma valorização do indígena em uma imagem idealizada.

O terceiro livro “História e vida integrada<sup>5</sup>” do autor Nelson Piletti do 7º ano do ensino fundamental II de 2008 a 2010, com 22 capítulos, disponibilizando em seus conteúdos bastante imagens, porém não há disponibilização de sites.

Mesmo o livro tendo sua disponibilidade no mesmo ano em que a lei foi sancionada, não há muitas informações sobre a temática, contudo, dentro do capítulo 5 “o jesuíta na América portuguesa” retrata como as missões religiosas interferiram na vida dos indígenas, e como a catequização tiveram profundas transformações em suas vivencias, apresenta também um texto intitulado “história de resistência”, discorrendo como as imagens dos povos indígenas foram falsamente perpetuadas como povos preguiçosos, colocados em uma posição de vítimas passivas, porém, o texto retrata que esses povos lutaram por suas tradições culturais, que eles possuíam estratégias para resistir, retratando que não foi algo passivo, mas que esses povos foram agentes de sua própria história.

No quarto livro “HISTÓRIA<sup>6</sup>” de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues do 7º ano de 2017 a 2019 do ensino fundamental II com 16 capítulos, contendo bastantes imagens além de

---

<sup>4</sup> Boulos Junior Alfredo 8º ano: ensino fundamental: anos finais. 4.ed.-são Paulo: FTD 2018

<sup>5</sup> Piletti, Nelson. História e vida integrada nova ed. Reforma. E atual- são Paulo 2008

<sup>6</sup> Cotrim, Gilberto / Jaime Rodrigues – 2. Ed.- São Paulo saraiva: 2015.

haver a disponibilização de site para curiosidades. Dentro desse livro, o capítulo 8 traz uma abordagem exclusiva aos povos indígenas, com a temática “povos da América” na página 130 aborda a relação dos tupis guaranis retratando um pouco dos seus territórios, sociedades, cultura, alimentação, são textos pequenos resumindo como era a vida dos tupis guaranis. E enfatiza a importância da mandioca na vida desses povos.

Na página 130 a 140 trazem uma pequena abordagem sobre os maias, incas e astecas, de forma rápida e com algumas características da sociedade desses povos, destacando seu meio de produção e alimentação.

Já no capítulo 9 “impacto da conquista”, mostra como a violência física contribuíram para destruição de muitos indígenas, abordam a contaminação aos nativos por doenças trazidas pelos europeus, e como foram prejudiciais a esses povos, entre os impactos psicológicos por acreditar que tais doenças eram castigo dos deuses, além disso os europeus tiraram proveito dos conflitos internos desses povos, observou que o texto mesmo sendo pequeno traz essa reflexão, que esses nativos enfrentaram grandes dificuldades com a chegada dos europeus no Brasil.

Enfatiza também em sua abordagem da dominação cultural, como os conquistadores fincaram a cruz católica na América, e como impuseram o cristianismo aos povos indígenas. Esse texto aborda como os jesuítas viam os aldeamentos, na perspectiva eram algo que protegia os nativos da escravidão, porém, na visão dos indígenas eram locais de sofrimento. O texto traz uma análise de como essa dominação impactou a vida desses povos.

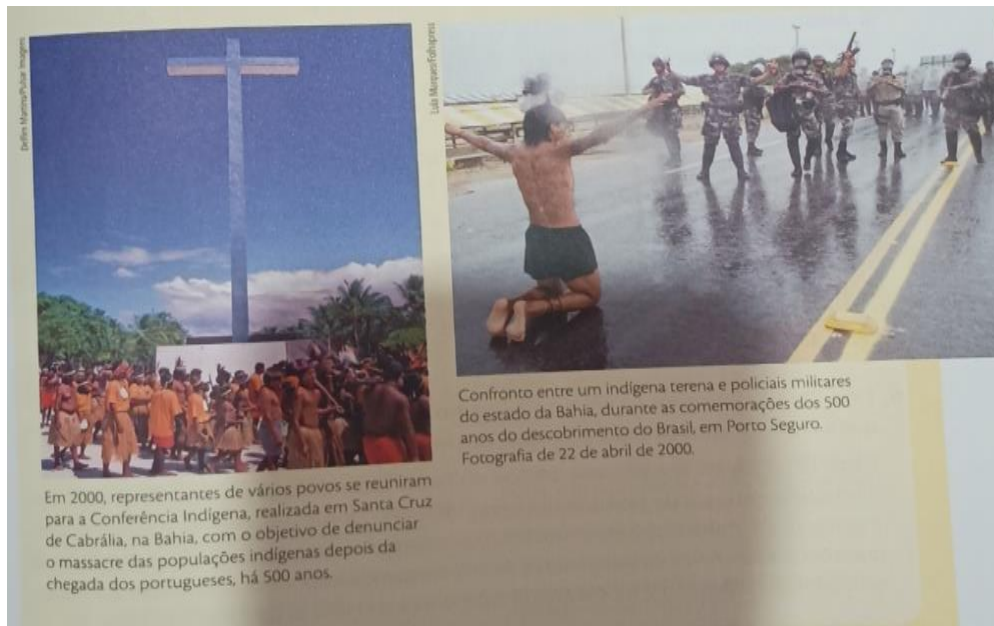
O livro também traz na página 154 um texto sobre o dia 19 de maio do Índigena, e como até os dias atuais está sendo apresentado dentro das escolas de forma errônea, pois a mesma ainda comemora como forma de fantasia, crianças pintadas. O que ocasiona o imaginário das crianças o texto relata que esse tipo de apresentação só reproduz antigos preconceitos e estereótipos, não gera conhecimento e nem aprendizagem alguma.

Além disso, esse texto enfatiza que o indígena trabalhado hoje em dia em sala de aula é o mesmo retratado em 1500, onde o indígena se caracteriza como se vivesse como o indígena do passado. Desta maneira, a leitura traz uma reflexão de que é necessário abordar que o indígena tem os mesmos direitos que um homem não indígena.

Contudo vale “observar que dentro deste texto ainda se pronuncia a palavra ‘índio’ que mesmo com a mudança ainda aparece dentro da abordagem do livro. É importante ressaltar que este termo remete a um contexto histórico, sendo um termo preconceituoso que foi propagado pelo colonizador.

Dentro desse mesmo capítulo na página 155 aborda um texto de um evento que aconteceu em 22 de abril de 2000, aonde foi organizada uma festa em Porto Seguro, Bahia em comemoração aos 500 anos do Brasil, onde os indígenas se recusaram a fazer parte desta comemoração como destaca a imagem abaixo.

**Figura -** protesto dos povos Indígena em relação ao dia 22 de abril de 2000



**Fonte:** (Gilberto Contrin e Jaime Rodrigues “HISTORIAM” 2015 p.155”).

Na imagem observam-se os povos indígenas em protesto, pois não compartilhavam desse sentimento de descobrimento do Brasil, deixando claro que não havia motivos para se comemora, e necessário destaca que essas formas de manifestação e resistência dos povos indígenas conseguiram conquista espaço dentro da sociedade que por muito tempo foi lhe negado.

Esse livro traz em seu contexto uma abordagem mais ampla sobre os povos indígenas, não trabalha só o passado, mas, traz o indígena na atualidade, como o texto ‘indígenas no Brasil, ontem e hoje. Além de trazer o retrospecto da vida dos povos indígenas na chegada do europeu, também retrata o indígena da atualidade, de como eles vivem a importância de suas terras e como essas terras são protegidas. Conforme (BITTENCOURT, 2011 p. 302).

É importante perceber a concepção de conhecimento expressa no livro; ou seja, além de sua capacidade de transmitir determinado acontecimento deve ser apreendido. O conjunto de atividades contidas em cada parte ou capítulo fornece as pistas para avaliar a qualidade do texto no que se refere às

possibilidades de apreensão do conteúdo pelos estudantes (BITTENCOURT, 2011, p. 315).

Perante toda essa complexidade e extensão do livro didático, a autora nos chama a atenção para a necessidade de observar a qualidade dos textos inclusos nos livros didáticos por meio dos conjuntos de atividades. Esta pesquisa investiga esse material centrando-se na abordagem da questão indígena, observou-se que os livros didáticos ainda precisam inserir conteúdos que tragam uma abordagem mais ampla, com capítulos exclusivos evidenciando a história desses povos.

Em geral podemos observar que, os livros utilizados nas escolas, mesmo não apresentando conteúdos abrangentes, trazem em suas abordagens pequenas reflexões que sendo bem trabalhadas em sala de aula pelos professores, podem contribuir para diminuir essas visões estereotipadas que permeia o ambiente educacional.

#### **4. Considerações finais**

Ao examinar o livro didático, percebeu-se que existem algumas mudanças, mas também há permanência, dentro do livro didático ainda há pouco conteúdo em relação aos povos indígenas, dos quatro livros analisados, observou-se que apenas um livro tem um capítulo direcionado aos povos indígenas, aos outros demais livros este tema está incluído em capítulos com outras temáticas.

Entretanto dentro do livro didático os povos indígenas aparecem de forma bem resumida, não abrangem a complexidade desse povo, o livro sendo um dos principais materiais didáticos precisa apresentar esses povos de forma realista, mostrando suas lutas, resistência e processo que eles passaram para sua sobrevivência.

Desta maneira percebeu-se que é necessário atualizar os livros com temas que retratem as lutas dos povos indígenas, não somente no passado, mas também no presente. Contudo ainda há muito a ser trabalhado a começar pela forma que esses povos foram dentro da historiografia e refazer essa construção não é tão simples porém o livro precisa trazer em seus conteúdos temáticos que apresentem lutas, diálogos e cobranças para que haja reconhecimento da problemática.

Apesar da lei 11.645/08, ainda há muito a ser aprimorado em relação a essa obrigatoriedade que a lei traz. Dentro do livro didático observado que ainda falta à inclusão de temáticas indígenas que coloque esses povos como os protagonistas e não secundários de sua

própria trajetória. Pois, é por meio do livro de história que o estudante se familiariza com a temática dos povos indígenas. Entretanto, o livro é apenas um dos meios que o aluno utiliza para adquirir conhecimento. Sendo assim, é crucial que o docente não utilize o livro didático como a única fonte de conhecimento.

Concluiu-se através dos livros analisados que ainda falta uma implantação da temática indígena de forma mais abrangente, com conteúdo que não estejam incluídos em outras temáticas, e com disponibilização maior página com conteúdos que mostre esses povos em sua totalidade, com suas com suas lutas e características diferente.

## 5. Fontes

A realização desta pesquisa se deu através dos livros didático.

BOULUS, Júnior, Alfredo. **História sociedade e cidadania: 8º ano: ensino fundamental: anos finais** / Alfredo Boulus Júnior.- 4. ed-São Paulo.2018

CONTRIM, GILBERTO: **Historiar: 7/** Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues. - 2 ed- São Paulo Saraiva 2015

CONTRIM, GILBERTO: **Historiar: 8/** Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues. - 2 ed- São Paulo Saraiva 2015

PILETTI, Nelson: **História e vida integrada- 7 seria 3 ed- São Paulo Ática. 2005.**

## 6. Referências

BITTENCOURT, C. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe. **O SABER HISTÓRICO NA SALA DE AULA.** São Paulo: Contexto, 2004.

BITTENCOURT, C. M. F. **História das populações indígenas na escola: memórias e esquecimentos.** In: Ensino de histórias afro-brasileiras e indígenas. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros didáticos entre textos e imagens. In:\_\_\_\_\_. (org.). **O Saber histórico na sala de aula.** 12. ed. São Paulo: Contexto, 2012, 69-91.

BITTENCOURT, Circe Marisa Fernandes. **O Saber Histórico na Sala de Aula: Livros didáticos entre textos e imagens.** São Paulo: Contexto, 2004.

CHOPPIN, Alan. **História dos Livros e das Edições Didáticas: sobre o Estado da Arte. Educação e Pesquisa,** São Paulo, Faculdade de Educação/USP, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

FERNANDES, Joana. **O Índio: esse nosso desconhecido.** Cuiabá: EdUFMT 1993.

GARRIDO, Mirian Cristina de Moura. **Escravo, africano, negro e afrodescendente: a representação do negro no contexto pós-abolição e o mercado de materiais didáticos (1997-2012).** 1. Ed. São Paulo: Alameda, 2017.

GOBBI, Izabel. **A temática indígena e a diversidade cultural nos livros didáticos de História.** 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi. **Livro didáticos e fontes de informação sobre as sociedade Indígena no Brasil.**( in): SILVA, Aracy Lopes da. GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi (Org). **A temática Indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus** 4ª ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC; MARI; UNESCO, 2004.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula, conceitos práticas e propostas.** 6 edições. Contexto, São Paulo 2015.

MUNAKATA, Kazumi. **Livro didático como indício da cultura escolar.** Hist. Educ., Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 119-138, set./dez. 2016.

SILVA, Maria da Penha. **A TEMÁTICA INDÍGENA NO CURRÍCULO ESCOLAR À LUZ DA LEI 11.645/2008\*** provided by Universidade Federal do Maranhão (UFMA): Portal de Periódicos. Artigo

Recebido em: 04/11/2024

Aprovado em: 21/11/2024